

**NEGAÇÃO, BLOQUEIO E DESCOBERTA: A PATERNIDADE E O  
PROCESSO DE ESCRITA EM *O FILHO ETERNO*, DE CRISTOVÃO  
TEZZA<sup>1</sup>**

*DENIAL, BLOCKADE AND DISCOVERY: PATERNITY AND THE  
WRITING'S PROCESS IN O FILHO ETERNO BY CRISTOVÃO TEZZA*

Nathália Soares de LIMA<sup>2</sup>, Mariana Tavares DOMINGUETTI<sup>3</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é identificar, por meio de uma leitura analítico-interpretativa da obra *O filho eterno* (2007), de Cristovão Tezza, como a personagem principal se desenvolve ao longo da narrativa e da narração, considerando a relação que ela constrói com o seu filho, uma criança com Síndrome de Down, e com o processo de escrita. A perspectiva pela qual a obra é narrada corrobora para que o leitor se depare com uma personagem que transita entre o processo de amadurecimento, a aceitação do nascimento do filho e a construção de uma relação paternal.

**PALAVRAS-CHAVE:** *O filho eterno*; paternidade; escrita.

**ABSTRACT:** The objective of this article is to identify, through an analytical-interpretative reading of Cristovão Tezza's work *O Filho Eterno* (2007), how the main character develops throughout the narrative and narration, considering the relationship he builds with his child, a child with Down syndrome, and with the writing process. The perspective by which the work is narrated supports the reader to come across a character who transits between the process of maturation, the acceptance of the birth of the child and the construction of a paternal relationship.

**KEYWORDS:** *O filho eterno*; paternity; writing.

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto do Trabalho Final da disciplina de Narrativa Brasileira II, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, sob orientação da Profa. Ma. Marília Parecis Corrêa de Oliveira. Agradecemos à professora pelas contribuições feitas na apresentação do projeto do artigo e pelos comentários que enriqueceram o texto.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras, na Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: nathalia.s.lima@unesp.br

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras, na Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: mariana.domingueti@unesp.br

## 1 Introdução

*O filho eterno*, um dos mais renomados romances brasileiros contemporâneos, foi escrito por Cristovão Tezza (1952-) e venceu uma série de prêmios nacionais e internacionais. Publicado em 2007, o romance conta a história de um homem que se vê imerso em um grande desafio: ser pai de uma criança com Síndrome de Down.

A temática do livro, relativamente nova para a literatura dos anos 2000, faz com que o leitor passe a levantar hipóteses acerca de possíveis razões que motivaram o autor na sua elaboração e desenvolvimento. Contudo, bastava folhear a orelha de uma de suas versões impressas para saber uma das principais influências do autor: a sua própria história.

Uma série de acontecimentos e características ligam a vida real do autor, Cristovão Tezza, à história de *O filho eterno*. O primeiro deles, e talvez o mais gritante para a aproximação de uma obra autobiográfica, é a experiência de já ter um filho com Síndrome de Down, também chamado Felipe. Seguida dessa informação, nota-se que os lugares ambientados no livro são, em grande maioria, conhecidos por Tezza. Por fim, outro ponto que merece destaque é que, bem como a figura paterna de *O filho eterno*, o autor é escritor e compartilha das mesmas características que a personagem do livro.

Ainda que, em um primeiro contato, *O filho eterno* seja visto como uma espécie de autobiografia de Tezza, percebe-se, contudo, que o livro é composto de uma série de eventos que, uma vez expropriados da vida de Cristovão, estiveram a favor da ficção. Somado a isso, o fato do livro ser narrado em terceira pessoa - assunto que será aprofundado na próxima seção - é a principal característica que distancia o romance da autobiografia, conforme esclarece o próprio autor:

Quando decidi escrever um romance, e não um ensaio ou ‘confissão’, a dimensão de ‘verdade biográfica’ perdeu completamente a importância. Usei a mim mesmo, e aspectos da história de minha vida e do meu filho, com aquela ‘amoralidade’ bruta do escritor atrás de um material romanesco, venha lá de onde venha. [...] Mas a literatura tem de abrir essas portas, ou não terá função

nenhuma. A ‘terceira pessoa’ me protegeu, e também me liberou, digamos, da ‘responsabilidade histórica’, da informação ‘verdadeira’ (TEZZA, 2007)<sup>4</sup>.

Situada nos anos de 1980, a história de *O filho eterno* conta a vida de um pai - cujo nome não chega a ser mencionado em toda a obra - que se depara com o desafio de criar um filho com Síndrome de Down. Neste romance, o pai, que sempre prezou pela inteligência ao invés da boçalidade, encontra-se em um processo dualista e introspectivo que decorre de todos os sentimentos relacionados ao processo de paternidade: a negação de um filho deficiente, o bloqueio em criar relações com ele e, por fim, a (re)descoberta de uma saudável relação com o filho, Felipe. Esse mesmo processo acaba por ser projetado no processo de escrita que o pai realiza, dado que sua formação em Letras, boa parte do seu trabalho e seu *hobby* convergem num mesmo ponto: a escrita. Narrado em terceira pessoa, a mescla entre discurso direto e discurso indireto livre possibilita uma aproximação muito delicada do leitor à obra, já que é possível, a partir do fluxo de consciência que apresenta a visão e o pensamento do pai, acessar os sentimentos que envolvem a figura em questão.

A síntese de todas essas características serve como justificativa dos motivos pelos quais *O filho eterno* é visto como uma obra singular e extremamente metalinguística, considerando que o processo de escrita da personagem reflete, também, no processo de escrita do autor - que, como é do conhecimento do leitor, carrega consigo boa parte das dores transcritas nas mais de cem páginas do livro.

Com base nos fatos mencionados acima e que serão desenvolvidos ao longo deste artigo, propõe-se, então, a realização de uma análise interpretativa a respeito de dois pontos da obra de Tezza que acabam convergindo: a relação entre o pai e o filho, a relação entre o pai e a sua escrita e, por fim, as reflexões que podem ser realizadas a partir da convergência entre esses dois assuntos. Para isso, partiremos para uma análise aprofundada a respeito de aspectos narrativos da obra, com o apoio teórico de conceitos apresentados principalmente por Arnaldo Franco Junior (2008) e Gerard Genette (1972). Em seguida,

---

<sup>4</sup> Trecho retirado de uma entrevista concedida a Irineo Netto, para o jornal *Gazeta do Povo*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/a-eternidade-e-um-livro-al2iawcj1kx25u1qp5lkuknri/>. Acesso em: 14/dez/2021.

discutiremos a respeito das relações criadas entre as personagens principais do livro. Posteriormente, será apresentada a relação da figura paterna com seu processo de escrita - e determinadas influências da narração -, a fim de provar como a relação entre pai e filho influencia nas demais relações existentes. Por fim, buscaremos concluir a respeito das impressões que esses diálogos trazem ao leitor da obra, que também sintetizam o interesse por trazer a obra como objeto de estudo.

## 2 Análise interpretativa

### 2.1 Aspectos narratológicos de *O filho eterno*

Partindo-se da leitura de *Operadores de leitura da narrativa* (2008), de Arnaldo Franco Junior, a análise do livro tem como estória ou *plot*, conceito desenvolvido por Forster (1974 apud FRANCO JUNIOR, 2008, p. 37), a vida de um pai - cujo nome não aparece em nenhum momento da obra - que, após descobrir que seu primogênito possui Síndrome de Down<sup>5</sup>, tem sua vida alterada por completo. O pai, diante dos problemas familiares, encontra refúgio na escrita, porém, em muitos momentos lhe falta inspiração. Após a leitura completa da obra, foi possível traçar paralelos entre os sentimentos que o pai tinha em relação ao seu filho e o desenvolvimento que ele realizava em sua escrita.

A situação que apresenta o conflito dramático inicial na narrativa - também chamado de nó - é, justamente, a descoberta, por parte do pai, de que o filho nascera com a Síndrome:

Ele recusava-se ir adiante na linha do tempo; lutava por permanecer no segundo anterior à revelação, como um boi cabeceando no espaço estreito da fila do matadouro [...] Isso é pior do que qualquer coisa, ele concluiu - nem a morte teria esse poder de me destruir. A morte são sete dias de luto, e a vida continua. Agora, não. Isso não terá fim (TEZZA, 2019, p. 31).

---

<sup>5</sup> Segundo o médico e colunista Drauzio Varella, a Síndrome de Down é “[...] uma alteração genética causada por um erro na divisão celular durante a divisão embrionária. Os portadores da Síndrome, em vez de dois cromossomos no par 21 (o menor cromossomo humano), possuem três.” Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-de-down/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

Na citação acima, temos a incredulidade do pai que, após saber da condição com a qual o filho nasceu, encontra-se desacreditado com a vida, de modo que afirma que nem o pior dos acontecimentos - a morte, nesse caso - seria capaz de provocar a mesma sensação que ele sentia.

Após longos anos que seguiram pela história de um pai bloqueado emocionalmente em relação ao próprio filho, Felipe, uma série de tentativas - falhas - rodearam a vida da família: a busca por uma espécie de “cura” da Síndrome, o processo de alfabetização e educação de Felipe, sua inserção no convívio social com outras crianças, dentre várias outras. Contudo, a história atinge seu clímax - isto é, segundo Franco Junior (2008, p. 45), a máxima do conflito dramático apresentado na obra - quando Felipe desaparece, mostrando que a presença do filho em sua vida não poderia ser deixada de lado. Pelo contrário, ela era algo primordial para sua própria existência enquanto pai do menino:

Só descobriu a dependência que sentia pelo filho no dia em que Felipe desapareceu pela primeira vez. É, talvez, ele refletirá logo depois, ainda em pânico, que agora lhe toma por inteiro, a pior sensação imaginável na vida - quase a mesma sensação terrível do momento em que seu filho se revelou ao mundo [...] (TEZZA, 2019, p. 161).

No trecho acima, é possível perceber a relação feita entre os sentimentos que rodeavam o pai. O mesmo homem que se encontrava descrente em sua vida após descobrir que seu filho tinha Síndrome de Down, julgando essa ter sido a pior sensação de sua vida, se encontrava novamente com o mesmo sentimento de perda e tristeza, mas dessa vez causado pelo sumiço do filho que ele tanto negava.

A partir do momento em que o pai toma consciência do papel que o filho exerce na sua própria vida, isso o faz amadurecer; como consequência, suas ações e pensamentos são completamente destoantes daquelas que ele tinha nos primeiros anos de vida do filho. Ao invés de desejar a morte de Felipe - como aconteceu em alguns momentos -, o pai passa a aceitar sua existência e suas limitações, buscando viver em harmonia com seu próprio julgamento. O desfecho - isto é, segundo Franco Junior (2008, p. 45), a conclusão da narrativa -

converge para uma relação saudável, dentro do possível, entre pai e filho diante de uma realidade não esperada.

Ele jamais fará companhia ao meu mundo, o pai sabe, sentindo súbita a extensão do abismo, o mesmo de todo dia (e, talvez, o mesmo de todos os pais e de todos os filhos, o pai contemporiza) - e no entanto, o menino continua largando-se no pescoço dele todas as manhãs, para o mesmo abraço sem pontas (TEZZA, 2019, p. 221).

Na citação acima, como mencionado anteriormente, *O filho eterno* termina com não só a aceitação do pai em relação à condição de seu filho, mas também com a construção afetuosa entre eles: o pai, que antes tinha aversão pelo menino, agora consegue construir laços com ele.

Uma vez discutidos os pontos principais da história narrada, convém apresentar as caracterizações das personagens que compõem a história. Conforme os parâmetros apresentados por Franco Junior (2008, p. 38-39), nota-se a presença de duas personagens principais: Felipe e seu pai. Ambas as personagens receberam tal classificação por serem “fundamentais para a construção e o desenvolvimento do conflito dramático” (FRANCO JUNIOR, 2008, p. 39). Contudo, há diferenças entre elas em relação à densidade psicológica que cada personagem possui: enquanto Felipe pode ser entendido como uma personagem estereótipo, o pai pode ser entendido como uma personagem plana com tendência à redonda. A classificação da figura paterna acontece devido ao fato de que, apesar de apresentar um alto grau de densidade psicológica, suas ações são previsíveis.

Felipe, enquanto criança com Síndrome de Down, tem, em sua personagem, inúmeras características - físicas e comportamentais - que servem para caracterizar a categoria social de pessoas que nasceram com Síndrome de Down. Um dos exemplos que comprova tal estereotipização física pode ser visto no momento em que os pais descobrem a respeito da alteração genética do filho, como apresentado no trecho a seguir:

- ...algumas características... sinais importantes... vamos descrever. Observem os olhos, que têm a prega nos cantos, e a pálpebra oblíqua... o dedo mindinho das mãos, arqueando para dentro... achatamento da parte posterior do

crânio... a hipotonia muscular... a baixa implantação da orelha [...] (TEZZA, 2019, p. 30).

No mesmo sentido, é possível observar que características psíquicas de Felipe estão consoantes com o grupo social no qual está inserido quando a família visitou uma clínica especializada em tratamento para pessoas com a mesma Síndrome, apresentadas na seguinte citação:

[...] não consegue manter o choque e, lá na última camada da alma, a certeza de que até o fim dos tempos será esse o seu mundo, e não outro. São dezenas de pessoas [...] todos irremediavelmente lesados, um pátio dos milagres de deformação, braços que não obedecem, bocas que se abrem e não se fecham, olhos incapazes [...] (TEZZA, 2019, pp. 82-83).

Diferentemente de Felipe, o pai é a personagem que mais participa ativamente da história. Como será discutido posteriormente, os leitores têm acesso à história narrada principalmente por meio do ponto de vista do pai, que é a personagem mais complexa e conflituosa de *O filho eterno*. Egocêntrico e inacessível, é a única pessoa com a qual temos conhecimento de ações anteriores à história. Sua profissão faz com que seus pensamentos e atitudes busquem a erudição, mas ele se encontra muitas vezes imerso em uma instabilidade emocional e psíquica, que o faz questionar tudo ao seu redor:

No momento em que enfim se volta para a cama, não há mais ninguém no quarto [de hospital] - só ele, a mulher, a criança no colo dela. Ele não consegue olhar para o filho. Sim - a alma ainda está cabeceando atrás de uma solução, já que não pode voltar cinco minutos no tempo. [...] eu não preciso deste filho, ele chegou a pensar [...] Eu também não preciso desta mulher, ele quase acrescenta, num diálogo mental sem interlocutor: como sempre, está sozinho (TEZZA, 2019, p. 32).

A citação acima exemplifica o egocentrismo do pai. Ao mesmo tempo, em que o verbo “precisar” é dito, em pensamento, pelo pai em relação ao filho; ele também é estendido à relação entre a personagem e sua esposa. Além disso, sua inacessibilidade e introspecção são comprovadas pelo narrador ao dizer que “como sempre, está sozinho” - não apenas no quarto do hospital, mas também na sua vida.

Convém destacar, também, que outras personagens são pouco mencionadas. Nós, leitores, só sabemos que elas existem dentro da história, mas em nenhum momento vemos qualquer desenvolvimento a respeito delas. Assim, seguindo a classificação de Franco Junior (2008, p. 39), podem ser caracterizadas como personagens secundárias da subcategoria “tipo”: a mãe - que não possui nome -, a filha caçula - que também não tem nome -, os médicos do hospital e das clínicas, amigos do pai e, por fim, outros familiares. Todas elas “ [...] não são fundamentais para a constituição e o desenvolvimento do conflito narrativo” (FRANCO JUNIOR, 2008, p. 39). A única que talvez mereça certo destaque é a mãe, que carrega a culpa por ter gerado um filho com Síndrome de Down e, conseqüentemente, na visão do pai, por todos os problemas que esse fato trouxe à família.

A relação espacial existente em *O filho eterno*, por sua vez, é interessante de ser apresentada. A história se passa em Curitiba - onde Tezza atualmente mora -; porém, outros lugares são mencionados nela: Florianópolis, São Paulo, Rio de Janeiro e cidades europeias também são ambientadas a depender do momento da história, seja em momentos atuais da narrativa, seja em recordações. O fato de todos os espaços terem sido frequentados por Tezza em algum momento de sua vida prova que o autor fez uso da própria experiência para auxiliar na construção da narrativa. Tendo a casa da família e o hospital em que Felipe nasceu como espaços que merecem destaque, percebe-se que esses espaços apresentam uma limitação de ambientes - isto é, de acordo com Franco Junior (2008, p. 45-46), a caracterização de um espaço diante de um conflito dramático - após o nascimento de Felipe, marcados pela hostilidade, pela incerteza e pela descrença. Exemplo disso surge quando as personagens, após o nascimento de Felipe e a descoberta de sua condição, vão para casa:

Como num cartum imaginário em que os fatos se sucedem ininterruptos, ele já está em casa. Há um simulacro de normalidade [...] Não, nada mais será normal na sua vida até o fim dos tempos. [...] Ele acende um cigarro na sala. Um dos raros momentos tranquilos, mas, ao apurar o ouvido, ouve o choro da mulher no quarto [...] (TEZZA, 2019, p. 39-42).

No trecho acima, o “simulacro de normalidade”, como mencionado, representa a falsa ideia de que tudo está bem e de que as coisas serão como antes; o choro da mãe, porém, chega para lembrar a (nova) realidade à qual eles estão submetidos.

Em relação aos aspectos relacionados ao tempo, os conceitos apresentados por Gérard Genette (1979) parecem ser de importante relevância para o estudo de *O filho eterno*. Primeiramente, destaca-se o tempo exterior, visto que o livro foi publicado em 2007, mas sua história narrada se passa nos anos de 1980. Além disso, em relação ao tempo cronológico da história narrada, é possível identificar um plano não linear com presença de poucas prolepses - isto é, a antecipação de ações que acontecerão após o momento da narração - e muitas analepses - isto é, *flashbacks* de ações que aconteceram anteriormente ao momento da narração. O tempo interno da história apresenta, nas palavras de Genette (1979), uma diferença de duração, ou seja, há uma distorção entre o tempo de um acontecimento e o tempo que o narrador usa, dentro da obra, para contar aquele mesmo acontecimento - cerca de duas décadas se passam ao longo de pouco mais de duzentas páginas, com destaque para a longa duração da narração dos primeiros anos de vida de Felipe. Ainda com relação à duração, *O filho eterno* apresenta todos os recursos dispostos por Franco Junior (2008): cena, sumário narrativo, eclipse, pausa descritiva e digressão.

Diferentemente do tempo cronológico, nota-se que o tempo psicológico do pai é feito das três formas citadas por Franco Junior (2008, p. 48): o narrador tem acesso ao monólogo interior que o pai possui, bem como as análises mentais que faz de si, contribuindo, também, por meio da narrativa, para o desenvolvimento do fluxo de consciência dele. Já em relação a Felipe, acredita-se que há uma análise mental feita por ele, e até mesmo certos monólogos ao final do livro. Contudo, não houve a presença do fluxo de consciência de Felipe dentro da história, apenas do pai.

Em consonância com todos os aspectos já apresentados, é importante, enfim, destacar a função do narrador e a focalização que lhe é atribuída. Seguindo a classificação de Genette (1979), pode-se concluir que o narrador de *O filho eterno* é heterodiegético, isto é, há uma figura de fora da história narrada que realiza a narração. Somado a essa classificação, temos os apontamentos de

Friedman (2002) a respeito do foco narrativo que é dado em *O filho eterno*. Nesses parâmetros, destaca-se que o foco narrativo principal dado pelo narrador na obra é a onisciência seletiva, caracterizada pela apresentação das ações da narrativa por meio da visão de uma das personagens - neste caso, a do pai; além disso, o uso constante do discurso indireto livre e do fluxo de consciência corroboram para esta classificação. O tipo de narrador e o foco narrativo são de extrema importância para o modo com que o leitor interpreta a história: a narração da história em terceira pessoa possibilita que o leitor, ao se distanciar das personagens, possa refletir sobre as atitudes delas e criticá-las, não se deixando levar, possivelmente, por um ponto de vista específico se o livro fosse narrado em primeira pessoa.

Ao final do livro, porém, percebemos certa presença de outro foco narrativo: a onisciência seletiva múltipla. Isso se deve ao fato de que, ao final do livro, o leitor também passa a ter acesso a certos pensamentos de Felipe, algo que não aconteceu na obra anteriormente. Tal situação merece destaque, pois a inserção dos pensamentos de Felipe ao final da obra serve, também, como uma metáfora da inserção de Felipe na vida de seu pai e, também, do desenvolvimento intelectual e psíquico do menino, fato que pode ser relacionado à limitação de consciência do garoto graças à sua condição. Ao final do romance, o narrador indica certa evolução nas noções de Felipe, principalmente pelo contato com a arte e com o futebol: “[...] pois o futebol, essa irresistível coisa nenhuma, passou lentamente a ser para o Felipe uma referência de sua maturidade possível” (TEZZA, 2019, p. 219). A partir desse momento, o filho passa a ser mais presente na narrativa, com falas e breves comentários, na narração, sobre suas percepções.

## **2.2 A relação entre pai e filho**

No romance, a relação entre pai e filho é construída a muito custo e resistência por parte do pai, visto que, além de ter sido uma gravidez de risco e não planejada, o casal era jovem, o pai estava desempregado e a criança nascera com Síndrome de Down. Com isso em mente, o pai via inúmeros motivos para negar a existência do filho, principalmente por ter como principais valores

peçoais a inteligência humana e a racionalidade, já que era um escritor, graduado em Letras, conhecedor da Literatura, da Filosofia e de outras áreas de conhecimento ligados à humanidade. Inicialmente, quando ele descobre que o seu filho está geneticamente condicionado a ser um indivíduo comprometido intelectualmente, ele passa a desejar a sua morte e recusar a sua existência. A dificuldade em criar relações com o filho também é retratada no excerto abaixo, quando ele percebe que, nos grandes clássicos da Literatura, não existem personagens na mesma condição que seu filho, Felipe:

Não há mongolóides na história, relato nenhum - são seres ausentes. Leia os diálogos de Platão, as narrativas medievais, *Dom Quixote*, avance para a *Comédia humana* de Balzac, chegue a Dostoiévski, nem este comenta, sempre atento aos humilhados e ofendidos; os mongoloides não existem (TEZZA, 2019, p. 36).

Além disso, essa figura paterna também idealiza a experiência de ser pai e de ter um filho: “O pai ainda não sabe, mas começa a ter a ideia central de filho, a desenhar-lhe uma hipótese. Como se, ainda muito palidamente, a sombra da paternidade começasse a enfim cair sobre ele” (TEZZA, 2019, p. 68). No trecho, fica evidente que a personagem fantasia a relação ideal com o seu filho, mesmo que ainda de maneira muito tímida.

Alinhados, é possível inferir que os conteúdos consumidos pelo pai interferiram na visão dele sobre todos os aspectos da vida, incluindo a paternidade. O pai, na tentativa de manter o estereótipo proposto pela mídia, pela Literatura e pelos seus valores individuais, acaba por se distanciar ainda mais do filho, negando todas as características anteriormente atribuídas.

Uma prova de que o estereótipo do pai acolhedor e compreensível, muitas vezes advindo do conteúdo consumido pela figura paterna do livro, estava dentro das expectativas da personagem pode ser vista nas inúmeras tentativas, por parte dele, de se conectar com o primogênito: “Ainda não é exatamente um filho. O pai não sabe disso, mas o que ele quer é que aquela criança trissômica conquiste o papel de filho. A natureza é só parte da equação” (TEZZA, 2019, p. 95). Pelo excerto, verifica-se que o pai é uma personagem que idealiza fortemente suas ações, uma vez que os dois principais pilares de sua vida - a escrita e a

paternidade - são projetados por ele. Ainda, o fato de que a paternidade aconteceu prematuramente para o protagonista, mais especificamente quando ele ainda era recém-formado no curso de Letras, corrobora para a comprovação da imaturidade para lidar com tamanha responsabilidade de criar uma criança.

Todavia, é perceptível o amadurecimento da personagem conforme o romance se desenvolve. Essa visão pode ser entendida a partir do momento em que se tem em mente que, por ter sido um leitor tenaz durante grande parte de sua vida, é possível que as concepções intransigentes do pai derivem das ideias construídas ainda quando jovem, fase conhecida pela veemência, inflexibilidade e encantamento. Ao longo da narrativa, inclusive, nota-se a interligação de pontos de vista do pai e conceitos presentes nas obras de grandes pensadores, como Nietzsche, Marx e Heidegger, autores que, além de serem citados diretamente ao longo da trama, também se fazem presentes nos pensamentos do protagonista, atravessados principalmente pelo ceticismo e pessimismo nietzschiano.

Um outro fator que chama a atenção do leitor é o modo com o qual o pai supervaloriza a racionalidade. Fica evidente, durante todo o romance, que ele constrói esse valor a partir de sua vivência acadêmica, posto que o princípio de conhecimento é hierárquico: só é reconhecido aquele conhecimento com embasamento científico e que, por sua vez, é fruto de uma ideologia dominante baseada no modelo eurocêntrico:

A inteligência é o único valor importante da vida, ele imagina [...] É somente ela que determina o meu grau de humanidade, ele fantasia, [...] ele apenas sente que elas são assim, e finge que não as aceita, mas não consegue se livrar desta regra e desta régua (TEZZA, 2019, p. 68).

Interessante destacar que, ainda que exista a supervalorização da racionalidade por parte do pai, o narrador heterodiegético intervém, de modo irônico - como o uso das expressões “ele imagina” e “ele fantasia” -, na visão que o pai pensa sobre si e o mundo. A inteligência a que ele se refere é, claramente, a inteligência esperada academicamente e fundamentada no pensamento e na ciência moderna. Portanto, nota-se que é justamente a postura irônica do

narrador que faz o leitor questionar a respeito da força e da certeza que a figura paterna coloca nessa inteligência.

### 2.3 A relação entre paternidade e escrita

O processo de paternidade - de modo que seja possível considerar o caso de *O filho eterno*, em que o pai também é escritor e criador de ideias -, portanto, pode ser relacionado ao processo de expressão literária. Embora o protagonista tenha começado a escrever muito antes de ser pai, a escrita se tornou o seu refúgio quando o filho nasceu. Assim como as obras do pai, Felipe também se tornou um projeto pessoal dele que se responsabilizava pela condição do filho: “[...] Você é tão inteligente, e não conseguiu fazer nem um filho direito” (TEZZA, 2019, p. 71), o pai lamenta. Para o literato, a premissa da existência de Felipe estava diretamente ligada a sua (in)competência racional.

O pai de Felipe, ao se ver em uma situação completamente nova - a de ser pai pela primeira vez e de uma criança neurodivergente -, passa por um processo de negação não só em relação ao filho, mas também em relação à escrita. Essa segunda negação - a da escrita - pode ser entendida paralelamente, e até mesmo motivada, a partir da primeira negação - a da paternidade. O pai vê a Literatura e a escrita como refúgios para seu problema com o filho; mas tudo em vão:

Escrever: fingir que não está acontecendo nada, e escrever. Refugiado nesse silêncio, ele volta à literatura, à maneira de antigamente. [...] E ele escreve de outras coisas, não de seu filho ou sua vida - em nenhum momento, ao longo de mais de vinte anos, a Síndrome de Down entrará no seu texto. Esse é um problema seu, ele repete, não dos outros, e você terá de resolver sozinho (TEZZA, 2019, p. 63).

Apesar de a escrita ser o seu refúgio, a situação do filho aparece, mesmo que paralelamente à escrita, em evidência. O leitor, ao mergulhar nas páginas do livro, percebe que a história tem diversas analepses, sendo que a maioria delas contém algo a respeito da vida do pai antes do nascimento do filho - como o tempo que passou na em Portugal e os momentos entre amigos. Essas analepses, que geralmente produzem uma introspecção do pai a respeito de seus valores e vivências, podem representar duas visões que, ainda distintas, são

complementares. A primeira diz respeito à negação da paternidade e da realidade, demonstrando que, mesmo durante a narração, não há o desejo - nem mesmo por parte do narrador, de dar espaço para essas analepses - em seguir adiante com o enredo, mas sim viver de *flashbacks*. A segunda diz respeito à frustração do pai com o presente, fazendo com que ele retorne ao passado por meio de suas lembranças.

O bloqueio da relação com Felipe também reflete no bloqueio que o pai tem com a escrita: “[...] são dois livros inteiros na gaveta” (TEZZA, 2019, p. 133), ele pensa. Quando a oportunidade de ser professor em Florianópolis surge, o pai sabe que terá que se distanciar da escrita para ser docente; porém, o distanciamento será, também, do filho.

Entretanto, o pai começa, com o passar do tempo, a aceitar a situação do filho, o que também influencia na sua relação com a escrita. Conforme a relação com o seu filho melhora, a sua escrita flui cada vez mais e, a partir do momento que o pai estabelece um vínculo afetivo com Felipe - dentro das condições de relação que a situação permite -, o escritor passa a ter aptidão para terminar os seus romances e finalmente publicá-los. No entanto, essa sucessão é demorada, tal qual a aceitação da condição de seu filho. Nesse caso, o pai entende que precisa amadurecer para, enfim, conseguir melhorar a si mesmo como escritor, indivíduo e pai:

Talvez eu não tenha feito tudo que poderia ter feito, ele se culpa - talvez tenham (e agora inclui a mulher) abandonado aquele treinamento de guerra cedo demais [...]; talvez (agora ele voltava a ele mesmo) a sua obsessão infantil com o próprio trabalho, a brutal insegurança de quem escreve, estivesse acima do próprio filho [...]. Eu não posso ser destruído pela literatura; eu também não posso ser destruído pelo meu filho - eu tenho um limite: fazer, benfeito, o que posso e sei fazer, na minha medida (TEZZA, 2019, pp. 158-159).

Para José Castello, escritor e crítico literário, o entendimento do “limite” mencionado no trecho acima é uma abertura para uma nova vida dentro da escrita, mas também da paternidade. Concomitantemente, as duas esferas mais importantes para o pai estão interligadas, criando um efeito dominó em que a consequência de uma situação (a falta de motivação para escrever) foi causada por outra (o bloqueio de uma boa relação com o filho). Ao descobrir que é

possível equilibrar os seus valores e o processo de paternidade em si, o pai (re)descobre a maneira com a qual deve lidar com a escrita.

Por fim, é interessante analisar que a relação entre pai e filho também se manifestava por meio das escolhas lexicais do pai - e expressas pelo narrador, posto que ele tinha acesso aos pensamentos da figura paterna - ao tratar do filho. De início, o pai fazia referência ao filho como “mongolóide”, o termo mais duro já utilizado por ele. Em seguida, nota-se o uso de alguém “com mongolismo”. Essa mudança, segundo Vale (2014, p. 37), “transforma a condição especial do menino em um traço, em uma característica, que faz parte do que Felipe é, mas, por si só, não o define”. Adiante, percebe-se a mudança de léxico para “pessoa com Síndrome de Down” e, ao final do livro, o nome próprio do filho, Felipe. É por meio dessa mudança de léxico e das escolhas das palavras feitas pelo pai que o leitor consegue, também, observar a negação - com o uso de “mongoloide” -, o bloqueio - com o uso de “mongolismo” e a descoberta - com o uso de “Felipe” - do seu papel enquanto figura paterna.

### **Considerações finais**

Neste artigo, discutiu-se a respeito da obra *O filho eterno*, a tratar, mais especificamente, as temáticas da paternidade e da escrita.

Conclui-se, em primeiro lugar, que a focalização dada pelo narrador para o pai caracteriza a onisciência seletiva. Para Araújo e Fernandes (2020, p. 27), “[...] o narrador assume a posição de gerenciador do texto ou da narrativa [...] Se ele tem empatia por determinada ação de uma personagem, direcionará o leitor a ‘ficar do lado dele’ [...]”. Contudo, o leitor não se encontra empático pelo pai, pelo contrário: apesar de reconhecer os desafios e as dores que o permeiam, o leitor se choca com determinadas atitudes e pensamentos do pai. Esse recurso contribui, enfim, para uma imersão do leitor na narrativa, de modo que a leitura por meio dessa focalização provoca uma oscilação entre a personagem principal - o pai - e o narrador.

Em segundo lugar, nota-se a influência das mídias que o pai consumiu ao longo de sua vida para a construção de seus valores morais e sociais, sobretudo os livros, responsáveis por acompanhá-lo no momento de formação de convicções e

idealizações. Evidentemente, conceitos que se tornaram verdades absolutas para o jovem letrista impactaram sua personalidade e perspectiva, e, conseqüentemente, sua experiência como pai e escritor.

Por fim, percebe-se que, no romance, a paternidade se torna uma alegoria para a criação de ideias. Essa criação é provocada, pois, na condição de pai e escritor, o protagonista, que no começo reconhece sua inabilidade em ambas posições, passa a equilibrar tais incumbências intercalando a criação - no sentido polissêmico da palavra - do filho e a de suas obras.

Diante dos diversos aspectos aqui apresentados, fica evidente que a obra *O filho eterno*, com sua escolha de personagens e foco narrativo, produz os efeitos de sentido mencionados ao longo deste artigo. Desse modo, percebe-se uma crítica em relação às situações, cada qual com sua complexidade, de criação: tanto do filho, quanto da escrita.

### **Como citar este artigo?**

LIMA, N. S.; DOMINGUETI, M. T. Negação, bloqueio e descoberta: a paternidade e o processo de escrita em “O filho eterno”, de Cristovão Tezza. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 21, n. 01, p. 342-358, 2022.

### **Referências**

ALMEIDA, M. B. O filho eterno: uma leitura desejanter. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 274-276, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X20090001>. Acesso em: 29 jul. 2021

ARAÚJO, C. G. B. de; FERNANDES, F. F. O narrador devassado: um olhar sobre “O filho eterno”. *Trama*, v. 16, n. 38, p. 25-35, 2020. DOI: 10.48075/rt.v16i38.24153. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/view/24153>. Acesso em 03 dez. 2021

BRUNELLI, A. F. Estereótipos e desigualdades sociais: contribuições da psicologia social à análise do discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 58, n. 1, p. 25-43, 2016. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v58i1.8646152>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646152>. Acesso em 03 dez. 2021.

CASTELLO, J. A brutal descoberta da normalidade. *Caderno Entrelivros*, ed. 29, 2007.

NEGAÇÃO, BLOQUEIO E DESCOBERTA: A PATERNIDADE E O PROCESSO DE ESCRITA EM O FILHO ETERNO, DE CRISTOVÃO TEZZA

FRANCO JUNIOR, A. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Editora da UEM, 2003. p. 33-56.

FRIEDMAN, N. O ponto de vista da ficção: O desenvolvimento de um conceito crítico. *Revista USP*, São Paulo, ed. 53, 2002. p. 166-182.

HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. M. F. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 14, 2002. p. 44-68. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/VcK9kr6SwcsQC7QMvKpJCVx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2021.

NETO, M. S. Felipe. *Gazeta do povo*, Curitiba, 21 ago. 2007, Vida e Cidadania. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/miguel-sanches-neto/felipe-alxxcuu0gxpipy7jjmwcxefi/>. Acesso em: 14 dez. 2021

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 13ª ed. São Paulo: Pontes, 2020.

SARAMAGO, V. Os eternos: o filho e a ficção de Cristovão Tezza. In: XII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2011, Curitiba. *Anais do XII Congresso da Abralic*. Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em:

<https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0903-1.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2021

TEZZA, C. A eternidade e um livro. [Entrevista cedida a] Irineo Netto. *Gazeta do povo*. Curitiba, ago. 2007. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/a-eternidade-e-um-livro-al2iawcj1kx25u1qp5lkuknri/>. Acesso em 14 dez. 2021

\_\_\_\_\_. *O filho eterno*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019

VALE, C. *A vertigem do indizível: descaminhos da palavra em "O filho eterno", de Cristovão Tezza*. 2014. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-26122014-010944/en.php>. Acesso em: 03 dez. 2021